

Taubaté, 11,9,1911

Rangel:

Volto ao Euclides. Estive a le-lo e pareceu-me que a sobria e vigorosa beleza do seu estilo vem de não estar cancerado de nenhum dos cancros do estilo de toda gente_ estilo que o jornalismo apurou até ao ponto-de-bala academico, tornando-o untuoso, arredondado e impessoal. 1) Euclides evita prepor o adjetivo ao substantivo, o que contraria a logica percepção cerebral. Por exemplo: “exaustivas correrias”, “pauperrimas choupanas”, “esguia palmeira”. O que na mecanica da leitura o cerebro tem de representar ao receber a impressão dum desses adjetivos (sem ter ainda recebido a impressão do substantivo posposto), é uma qualidade *vaga e dissipada* em extremo, capaz de mil articulações diversas: ao passo que na forma contraria_ “palmeira esguia”, por exemplo_ a impressão é de extrema nitidez e vigor; o cerebro representa a coisa indicada pelo substantivo e imediatamente a qualifica ou determina com o adjetivo posposto. Ora, em Euclides *não ha* adjetivos prepostos aos substantivos, ao passo que no estilo de jornal é esta a forma que predomina (“nosso inteligente colaborador”, “o distinto amigo”, a “gentil senhorita”, a “virtuosa consorte”, o “honrado comerciante desta praça”, etc.).

2) Os verbos em forma composta, essa nojenta coisa de agregar o “ter” e o “haver” ao resto da verbalhada. É outro vicio dessorante, que enfraquece o estilo com amortecer a nitidez da impressão cerebral (“havam feito”, “tinham estado comendo”, etc.). As formas verbais simples são esplendidas de energia e Euclides só emprega as compostas quando indispensaveis. Já o estilo de jornal só quer saber das compostas, justamente porque meliflue a frase, fa-las de salão de Clube Recreativo. Abro um *Minarete* e encontro: “andaram percorrendo”, “tiveram começo”, “estavam reclamando”, “foram verificados”, etc. A explicação do fato é a mesma do adjetivo preposto_ dispersão, dissipação.

3) Os advverbios em mente, outra asquerosa invenção do jornal com o fito de adocicar o estilo por causa das leitoras folhetinistas, normalistas, pianistas, feministas_ todo o hospital dos cloroticos para os quais o jornal é um pão de cada dia_ pão doce. A razão ainda é a mesma. Claro que têm mais força as formas_ “de leve”, “á larga”, “a sós”_ do que o “levemente”, o “largamente”, e o “solitariamente”. Euclides é idiosincrasico aos advverbios em mente e o estilo de jornal não quer outra coisa. Pela-se por eles.

Veja este trecho: “A deiscencia das vagens das catingueiras, abrindo-se com *estalidos secos e fortes*, soava-lhes como percussões de gatilho ou estalo de espoletas, dando a ilusão de *descargas subitas* de alguma *algara noturna inopinada* e as *grinaldas fosforescentes* dos

cananãs fulguravam *ao longe*, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras quasi apagadas, em torno das quais velassem, em silencio, expectantes *tocaias numerosas...*” E compare como ficaria em jornalismo: “A deiscencia das vagens das catingueiras, abrindo-se com *secos e fortes estalidos*, soava-lhe como *agudas percussões* de gatilho e *secos estalidos* de espoleta, dando a ilusão de *subitas descargas* e alguma *inopinada algara* noturna, e as *fosforescentes grinaldas* dos cananãs fulguravam *remotamente*, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras quasi apagadas, em torno ás quais *estivessem velando, silenciosa e expectantemente, numerosas tocais, etc.* (Falta o resto).

LOBATO